

**O entendimento do “fazer arquitetura”
através da análise de “idéia, método e
linguagem”: a chance de conhecer mais
sobre a profissão de arquiteto.**

Universidade Federal de Santa Catarina
PósARQ – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e
Urbanismo
Curso de Mestrado - Disciplina: Idéia, Método e Linguagem
Professora Responsável: Prof. Dr. Sônia Afonso, Arquiteta
Acadêmicos: Arq. Evaristo Marcos da Silva

O entendimento do “fazer arquitetura” através da análise de “idéia, método e linguagem” : a chance de conhecer mais sobre a profissão de arquiteto.

Evaristo Marcos Silva

Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Itajaí – Univali

Aluno da Disciplina – Idéia, Método e Linguagem, do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: A arquitetura é geralmente tratada como conhecimento criativo e artístico. A maioria dos profissionais desta área, trabalham de maneira aleatória e empírica, trazendo muitas vezes o lado “artístico” como meio de inspiração, sem acreditarem que neste “fazer arquitetura” existe ou seria necessário um entendimento do processo projetual através de simples perguntas e respostas de um repertório. Este artigo busca simplificar, estimular e ajudar à descoberta do aprendizado da arquitetura, usando como ponto de partida o auto conhecimento profissional e explicar um pouco mais sobre a disciplina “Idéia, Método e Linguagem”, ministrada pela professora doutora Sônia Afonso. Esta disciplina, ao ver, seria o estímulo para que todos os arquitetos comecem a trocar experiências profissionais relacionadas a estes pontos em questão, e saberem da necessidade do aprendizado teórico em sua vida profissional.

Palavras Chaves: idéia, método e linguagem; aspectos relacionados a profissão do arquiteto; o conhecimento da arquitetura.

Abstract: Architecture is generally treated as a creative and artistic knowledge. The majority of professionals in this area, work in an aleatory and empirically manner, often "artistically", with out believing that in this "creation. Of architecture" exists or would be necessary a process of understandment, through simple questions and answers of a repertoire. This article seeks to simplify, stimulate and discover the learning of architecture, using as a starting point the self-learning as a professional and to explain more about the discipline of "Idea, Method,

and Language", taught by Professor Sonia Afonso. This discipline is the stimulus for all architects to begin an exchange of professional experiences related to the points in question, and know the necessity of the theoretical learning in the professional life of an architect.

Key Words: idea, method and language; aspects related to the profession of the architect; or knowledge of architecture.

1. Conhecendo um pouco da disciplina: Idéia, Método e Linguagem

Fazendo parte do corpo docente da Universidade do Vale do Itajaí – Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Univali, ministrando as disciplinas de Detalhes Técnicos Construtivos I e II desde fevereiro de 2002, encontrei uma outra vocação, e me vi na obrigação, e na hora certa, de retomar meus estudos, após minha longa “hibernação” em uma oficina de arquitetura, no qual sou proprietário e trabalho como autônomo ha 11 anos.

Desta maneira, tinha assim, a pretensão de começar meus primeiros passos da longa trajetória de um aluno de mestrado que necessita e que quer mudar seus conhecimentos e reciclar, para levar um pouco mais de “respostas” para cerca de 80 alunos, meus clientes e a pessoa mais importante neste processo todo “eu”. Em função de tudo isto, aconteceu a “idéia” de entrar no curso de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina. Porém meu objetivo era que eu não fosse somente mais um aluno e ficasse escutando “coisas” e olhando para o relógio para ver se o tempo passasse mais rápido para voltar ao meu trabalho e atender aos meus clientes. Meu “método” se baseava em poder “sair” da minha oficina de arquitetura para aproveitar o melhor do meu tempo e que eu estivesse fora para poder e querer trocar mais informações sobre o “fazer arquitetura”.

Por coincidência, sabendo da disciplina da professora doutora Sônia Afonso, e da sua ementa, fiquei interessado em participar dos encontros. Já tinha sido aluno da mesma professora na época de graduação e acreditava que isto seria um bom histórico para o começo de minha nova “carreira acadêmica”.

A disciplina em questão é baseada na investigação dos conceitos de idéia, método e linguagem em arquitetura, nos diferentes períodos históricos e do estudo de arquitetos que possuem uma prática profissional, trazendo para sala de aula, a discussão sobre cada tema.

Começamos assim a disciplina. Estudos relacionados não somente sobre o “fazer arquitetura”, mas também sobre o “ensinar arquitetura” eram pontos importantes para mim. Considerações relevantes e discutidas em sala de aula, como de Vicente Del Rio (1)(2), aparecem, de maneira esclarecedora e produtiva para o entendimento da proposta da disciplina:

“...os diversos cursos não conseguiram assumir “personalidades”: eles carecem de uma noção clara sobre quais deveriam ser seus objetivos acadêmicos e as suas idiossincrasias, e nem tem idéia do tipo de profissional que querem formar.”

“A arquitetura tem sem dúvidas, uma dose maciça de atividade artística e criadora, mas cabe lembrar que Vitruvius, arquiteto romano que viveu no primeiro século antes de Cristo e autor de importantíssimo e talvez o primeiro tratado de arquitetura (best seller até hoje), já escrevia que a arquitetura tinha de possuir três qualidades: durabilidade (técnica e resistência), conveniência (responder às necessidades dos usuários) e beleza (arte e estética).

Conceitos básicos que nem sempre na vida de um estudante de arquitetura, se coloca necessária. De saber como fazemos e ensinamos arquitetura. Acredito que nunca é tarde para realmente reconhecermos que muitas vezes somos profissionais medíocres que não sabemos exatamente o que a sociedade espera de nós como “transporte” de uma realização de um sonho.

Inicialmente, para um melhor entendimento da disciplina, gostaria de começar apresentando o conceito sobre “Idéia, Método

(1) RIO, Vicente Del (org) – Arquitetura: Pesquisa e Projeto – Projeto de Arquitetura: entre a criatividade e método. São Paulo / Rio de Janeiro. Proeditores / FAUURFJ. Coleção PROARQ. 1998. pp 201.

(2) RIO, Vicente Del (org) – Dynamis revista Técnico-Científica – A criatividade e os ventos dominantes na arquitetura. Blumenau - SC. FURB. Vol. 8 n. 32. 2000.pp 88

e Linguagem” mostrando conceitos da própria professora da disciplina, Sônia Afonso (3):

“Idéia é a representação mental de algo concreto ou abstrato. Projeto, plano. Criação. Opinião. Conceito. Mente, pensamento, lembrança. Concepção intelectual. Imaginação.”

“Método é o caminho pelo qual se chega a certo resultado. Processo ou técnica de ensino. Modo de proceder. Meio. Tratado elementar.”

“Linguagem é o uso da palavra como meio de expressão e comunicação entre pessoas. A forma de expressão pela linguagem do indivíduo, grupo, classe, etc. Vocabulário.”

Desse modo podemos entender um pouco mais sobre o tema.

Primeiramente a professora trouxe de sua própria autoria um artigo publicado em março de 1990: “Idéia, Método e Linguagem: Considerações a respeito da própria experiência sobre o tema”, onde tivemos a oportunidade de começar a explorar o significado e o entendimento sobre a disciplina. Neste artigo de dez páginas, a professora esclarece e exemplifica através de depoimentos de grandes arquitetos e autores ligados ao tema, o conhecimento sobre cada conceito separadamente, e como os mesmos, estão relacionados de maneira tão direta para o aprendizado da Arquitetura. Podemos mostrar através deste artigo, um dos grandes arquitetos, no caso Louis Kahn, nascido na Estônia – Saaremaa em 1901 formado pela Universidade da Pensilvânia em 1925, que nos mostra que sua arquitetura tinha todo um trabalho teórico e experimental, “conceitos que foram se sistematizando em seu repertório, ao longo de sua obra”, segundo a autora do artigo:

1. A composição estética e a autonomia do edifício.
2. O respeito pelos materiais.
3. O sentido do espaço.

(3) AFONSO, Sonia - "Idéia, método e linguagem: considerações a respeito da própria experiência sobre o tema" in Síntese. Revista de Arquitetura. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, março 1990. pp. 12.

4. A luz como fator construtivo.
5. A seqüência lógica ou simbólica de composição.

Desta maneira a disciplina segue, criando um volume de informações apropriadas para o desenvolvimento do autoconhecimento profissional, principalmente quando entramos em contato com o trabalho teórico do Professor Doutor, Gian Carlo Gasperini (4), através de suas citações quando fala sobre a geração de idéias:

“Temos assim de um lado, o estímulo do conhecimento geral assimilado, que é abstrato, e de outro um registro, uma memória visual de possíveis objetos, extraídos do repertório do mundo físico que é a fonte principal do conhecimento do homem.”

“A criação por tanto é a revelação da idéia através da imagem.”

“A idéia nasce, surge e se torna imagem através de um processo mental completo, no qual intervem “todo” o conhecimento do homem que assimilado, forma sua cultura qual forma consciente de seus valores e que, por isto, se liga a um processo histórico inevitável.”

Outro momento importante na disciplina são os enfoques vistos em sala de aula através do trabalho de Christopher Jones (5), ao nos descrever o processo de projeto dentro de três pontos de vista diferentes :

- o da caixa preta;
- o da caixa transparente;
- e o do projeto auto organizado;

Confirmamos assim, por exemplo quando Comas (1985) (6) diz que é improvável a criatividade brotar de um vazio subitamente iluminado, colocando que todo projeto surge através de um método.

(4) GASPERINI, Gian Carlo – Contexto e Tecnologia. O projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura. São Paulo FAUUSP – 1988.

(5) JONES, Christopher – Metodos de Diseño. Barcelona. Gustavo Gili. 1982 (1973).

(6) COMAS, Carlos E. (Org.) - Projeto Arquitetônico. Disciplina em Crise. Disciplina em Renovação. São Paulo. Projeto / CNPq. 1985.

Podemos também inserir neste contexto, para melhor entendermos esta passagem da disciplina quando Silva (1986), cita que aprender arquitetura é diferente de aprender a fazer arquitetura, quando a transparência da “caixa de vidro” ou “caixa transparente” é fundamental.

O interesse se torna maior a partir que podemos refletir como processos individuais de arquitetura não são simplesmente intuitivos e aparecem do nada. Porém, são processos de perguntas para podermos chegar a uma grande resposta que queremos: a elaboração do projeto, a resposta a nossos clientes a população, fundamentada e pronta.

Mais claro entendemos esta necessidade da “caixa transparente”, quando descobrimos a necessidade da “inteligência” da formulação das perguntas a virtude do projeto, que podem oferecer soluções as idéias, segundo Gasperini (1988).

Se faz necessário também, enfocar aqui, para seguir está linha de pensamento sobre o entendimento do “fazer arquitetura”, quando evoluímos para a descoberta dos projetos arquitetônicos nos diferentes períodos históricos. Poderia tentar mostrar um pouco de cada período em que os alunos estudaram, mas prefiro citar o período Neoclássico, que no caso, foi objeto de estudo do seminário apresentado.

É evidente e claro, a partir destes estudos, a necessidade que temos de sempre estarmos vendo e respeitando nosso passado para a compreensão do que realizamos hoje em arquitetura e com o que rompemos. Absorver e analisar o que foi e por que surgiu.

Isto podemos exemplificar quando Frampton (7), tentar explicar o surgimento da Arquitetura Neoclássica:

“A arquitetura neoclassicista, parece ter surgido de duas evoluções diferentes, mas inter-relacionadas, que transformaram

(7) Frampton, Kenneth - História crítica da arquitetura moderna / Kenneth Frampton; (tradução Jefferson Luiz Camargo) – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

radicalmente a relação entre o homem e a natureza. A primeira foi um súbito aumento da capacidade humana de exercer controle sobre a natureza, que em meados do século XVII já começara a extrapolar as fronteiras técnicas do renascimento. A segunda foi uma mudança fundamental na natureza da consciência humana, em resposta às grandes transformações que ocorreram na sociedade, e que deram origem a uma nova formação cultural, igualmente apropriada aos estilos de vida da aristocracia decadente e da burguesia ascendente.”

Por último, como encerramento de uma “idéia” e de uma disciplina, analisamos através de perguntas elaboradas à arquitetos, escolhidos por livre iniciativa de cada acadêmico, o que cada profissional, compreendia, de maneira geral, sobre seu processo projetual levando em consideração “Idéia, Método e Linguagem”.

Por observações próprios, resumi e pude concluir, que cada profissional tem seu processo individual. As vezes claras, as vezes nem tanto. Métodos particulares. Idéias intuitivas, através de anos de pesquisas de utopias, realidades e abstracionismos. As vezes “arquitetos visionários”, como Ledoux e Bouleé servem como inspiração. As vezes Palladio, sempre Vitruvius. Ou talvez Aldo Rossi, Richard Meyer ou ainda Louis Khan. Talvez descobertas como Peter Zumthor ou Glenn Murcutt. Não importa. Linguagens nem sempre pessoais, ou talvez embutidas em milênios de história impondo a “nobreza da simplicidade” ou um “ideário de fórmulas” embutidos em um “Século de Luzes.”

2. Análise da própria experiência projetual e profissional: o auto conhecimento do “fazer arquitetura”.

Inicialmente gostaria de afirmar que a disciplina “Idéia, Método e Linguagem”, me mostrou e me ajudou uma maneira diferente, de poder criticar o que realmente faço como arquitetura nos meus onze anos de carreira profissional e o ensino de arquitetura no Brasil, mas especificamente em Santa Catarina.

Chego a conclusão que nada sei sobre arquitetura. Que o que fazemos, Vitruvius fazia na Idade Antiga e tudo se repete.

Porém temos diferentes meios de repetir determinadas acontecimentos e ter uma filosofia sobre Arquitetura, sobre nossa profissão, sempre buscando o novo e o desconhecido. Podemos exemplificar neste caso Valter Gropius(8) principal “frutificador” da Escola Bauhaus, escola exemplo de um sonho de sociedade:

“Amar e criar a beleza, são condições elementares da felicidade.”

“No decurso de minha vida convenci-me cada vez mais de que o caminho comum dos arquitetos – atenuar a desarmonia do conjunto, construindo aqui e ali um edifício bonito – é insuficiente.”

Ao meu ver, isto mostra que nossa profissão realmente é insuficiente, e quanto temos que fazer. Temos sempre que dar e obter respostas para o que estamos fazendo. E uma destas respostas é acreditar que o que fazemos é realmente o que amamos a beleza nos trazendo a felicidade.

A maioria dos profissionais não se dão conta do que realmente fazem e para quem fazem. Não conseguem enxergar “a ponte” entre sua profissão e o que realmente aprenderam nas escolas de arquitetura. Agora depois de todo este tempo me pergunto. Como ensinar e fazer arquitetura de uma maneira metodológica ? Será que arquitetura tem lógica? Será que todo seu processo é “caixa preta” ou “caixa de vidro”, ou um pouco de cada?

Todas estas perguntas na verdade nos levam a ensinar e arquitetura durante todo o tempo e a respeitar o que estamos fazendo e o que acreditamos como profissão.

Se temos um processo projetual, temos também uma maneira de enxergar e criticar o que fazemos, pois afinal, todo o processo se torna claro, e não turvo, nebuloso. Para fazer isto, é necessário ter coragem, colocar a “cara para ser estapiada”, ou mostrar onde está a clareza da “caixa preta” .

(7) GROPIUS, Walter – Walter Gropius Bauhaus : Nova Arquitetura / Walter Gropius; (tradução J. Guinsburg e Ingrid Dormien) – São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

Antes de explicar meu processo projetual, gostaria de começar citando novamente, alguns trechos de Gian Carlo Gasperini (4), que ao meu ver, representa o lado mais humano, prático e teórico de um arquiteto, assim fico mais à vontade para mostrar minha arquitetura dentro de “Idéia, Método e Linguagem”.

“Este ato de antever, idealizar previamente o objeto obedece a uma série de fatores intervenientes bastante complexos, nem sempre totalmente identificáveis. De qualquer forma, a totalidade do conhecimento, isto é, toda a amassa de conhecimento acumulada e previamente assimilada, intervem ativamente no processo criativo. Essa massa, que é de várias naturezas, colocada em contato com a temática abordada pelo arquiteto, age como “estímulo” para a manifestação da concepção do objeto arquitetônico.”

“Existe portanto uma dualidade metodológica na atividade projetual, a linearidade e a subjetividade, o que não impede um comportamento único por parte do arquiteto diante deste processo, definido pelo rigor no controle dos passos sucessivos. Não pode existir nenhuma omissão ou arbítrio na análise dos dados, sob pena de se alterar o objetivo e, por conseqüência, se criar um objeto inútil ou anacrônico. Este rigor deve fazer parte da ética do profissional para que seja incorporada na sua prática cotidiana; quase uma rotina.”

“...a linguagem deve ser transparente; deve ser o veículo da mensagem da idéia, e não pode refletir simplesmente o aspecto exterior, a veste, a superfície, o lado lúdico da idéia.”

Meu processo Projetual:

Idéia: O “pontapé” inicial de meus projetos arquitetônicos surgem de meu arquivo de memória de tudo que já vi no mundo com minhas viagens internas e externas. De coisas que já li ou de personagens que inventei. Surge a partir de a mente se colocar a trabalhar em cima de um determinado tema onde os personagens se misturam dando vazão a uma grande imaginação onde tudo é possível, dentro de uma certa racionalidade. Deixo o pensamento vagar e me pego tendo soluções enquanto estou correndo ou caminhando, pois aquele assunto não sai da minha mente. É algo obstinado como se não tivesse fim enquanto não chego em uma conclusão.

A idéia começa bem turva, obscura e sinto ela clareando quando os pontos começam a se unirem como se fosse um “game” de computador. As peças começam a se encaixar, como um grande quebra-cabeças, onde as peças são encontradas as vezes em lados imaginários, em lados intuitivos, em lados técnicos ou em lados teóricos.

O caderno é o meu companheiro nesta hora, na madrugada, ou na hora de ir dormir, onde parece que a mente já esta cansada, mas de repente: A LUZ. Sim, a “Iluminação”, depois de tanto colocar “o Tico e o Teco (no caso os meus neurônios)” a trabalhar.

Claro que este processo de idéia projetual, tem como ponto de partida características filosóficas e intelectuais que acredito como “fazer arquitetura”, embutidas em meus valores profissionais. É como uma grande descoberta. Tem tempos diferentes para cada tema proposto e para cada cliente.

Para mim não é um processo nem um pouco doloroso, mas sim prazeroso.

Método: Meu método surge como em primeiro lugar saber exatamente quem é o meu cliente e o que ele espera de um arquiteto. Geralmente o primeiro contato é telefônico onde peço ao cliente para termos um encontro profissional. Este encontro, quando é um cliente que já sinto na “voz”, realmente se ele está realmente disposto a querer um trabalho arquitetônico ou ele esta querendo especular sobre o meu trabalho.

A primeira visita, cobro uma consultoria técnica de R\$ 50,00 (cinquenta reais) para formalizarmos um encontro profissional, no caso de clientes desconhecidos que não conhecem meu trabalho.

Os encontros sempre prefiro fazer na residência do cliente ou na obra em questão, assim começo a entender e analisar quem é este meu “novo cliente”, e que tarefas tenho pela frente. Deixo o cliente o mais a vontade possível para ele me falar as mais diversas “idéias e sonhos” que ele tem. Tento quebrar o gelo com piadas e dando exemplo de outros clientes, pois quero absorver o máximo possível de

suas características e personalidade. Sempre pergunto seu signo ou tento descobrir. Me mostro íntimo realmente.

Nesta primeira visita esta embutida perguntas que começo a fazer a partir da necessidade do projeto em questão. São várias perguntas e digo isto ao cliente, que serei muito “chato”, pois estarei questionando tudo a todo instante. Coisas particulares e muito intimas.

A partir deste primeiro contato lanço orçamento. Neste orçamento coloco o valor dos projetos, o tempo de duração de uma etapa para outra, o que na verdade ando repensando, pois estou com um processo criativo que nem sempre tenho resposta exata no tempo.

À partir do aceite do cliente, vou novamente a obra ou local do futuro projeto para “sentir” o espaço. Peço trabalhos de levantamento quando necessários. Principalmente posição solar, ventos, proteções naturais, geografia, região, visuais, etc. Faço um levantamento amplo físico e sensitivo.

Novamente começo a identificar novos critérios de avaliação. Tento enxergar e ver quem é meu cliente e que estilo arquitetônico ele possui. Mostro fotografias de meus trabalhos e deixo periódicos com ele para pesquisa pessoal. Sempre tento fotografar o ambiente (por isto necessito atualmente de uma câmera digital), para ter no escritório, material rápido de pesquisa sem precisar ir até a obra.

A folha branca aparece mais uma vez na minha frente e sempre me pergunto: e agora, o que vai sair desta vez? Não tenho o medo, mas sim a ansiedade de sair algo que eu acredito.

Começam as pesquisas em livros e periódicos. Vasculho e vasculho e tento deixar minha mente vazia para dar vazão a “idéias”. Do lado a folha em branco começa a receber os primeiros rabiscos e croquis de observação. Isto pensando sempre de maneira tridimensional. Trabalhando de dentro para fora, com planta, elevações, cortes e cobertura. As vezes trabalho somente com a planta-baixa e os outros detalhes ficam todos em 3 D já na minha mente. Todos os trabalhos também levam em consideração o planejamento de interiores, isto pensando em mobiliários, cores, acabamentos, detalhes, etc.

Este processo de pesquisa é como se fosse o procura de imagens visuais e referencias psicológicas com o novo cliente. A descoberta do meu projeto com o sonho as suas respostas.

Depois vem a catarse. Deixo as pesquisas e começo a pegar todos os rascunhos e a colocar em um papel maior e no computador. No caso de interiores principalmente, a calculadora é uma grande aliada. Pois sempre digo, no papel tudo é possível e bonito.

Tenho assim o primeiro esboço do meu novo trabalho, onde é hora de novamente falar com meu cliente. É hora de fazer críticas e receber críticas e ver realmente se consegui captar as “idéias”. Geralmente consigo. E também já estou apaixonado pelo projeto.

Explico muitas vezes ao cliente e sempre falo que ele deve perguntar quantas vezes for necessário. Através de plantas, elevações, cortes e perspectivas. Vendo meu peixe completo. Já levo junto amostras dos materiais que estou pensando em utilizar e já os estudo antecipadamente. Junto levo fotos e livros, matérias localizados e o que são tendências no mundo hoje em dia e o que me inspirou para realizar tal trabalho. Isto sempre respeitando minha “linguagem” arquitetônica.

Sempre faço o que o cliente que, mas eu como sou transporte deste sonho. O cliente tem que confiar mim e eu também. Quando me sinto inseguro em determinado ponto em idéias do cliente, coloco ele como responsável.

Acredito que eu também não sou o “senhor das idéias”. Os clientes me ajudam muito e pesquisam junto comigo. Aceito sempre sugestões. E algo que é muito claro para mim em todo este processo é que quem morra no local é o meu cliente e ele é que tem que se sentir bem. Ele é o usuário final. Sou contra os arquitetos que tentam impor suas idéias sem observar realmente seu cliente, o que importa para ele é o seu “design”.

Algo que tento sempre fazer no meu método de projeto é sempre fazer com que o cliente me pague pela administração da obra, pois o processo na verdade do projeto arquitetônico só está terminado a

partir da entrega final do produto, que para mim é o transferência do projeto do papel para o 3 D. Isto faz com que eu possa ainda rever o projeto, as falhas que tiveram em função do tempo geralmente curto que temos para projetar.

Outro ponto importante para mim seria o respeito por tudo e todo que existe ao redor do novo projeto. A natureza, a escala humana, os prédios ao redor, a história, etc.

Linguagem: Quando começo a falar sobre linguagem, lembro-me da época de Universidade, época do surgimento do Pós-moderno, onde a maioria dos alunos, adoravam perguntar uns aos outros: “Qual é a tua Linguagem??” Principalmente para os recém formados, que tinham a obrigação de ter uma “linguagem”.

A partir daquela época comecei a responder que eu tinha minha própria linguagem, pois acreditava que cada ser vivo é único e nenhuma pessoa pensa ou faz algo igual a uma outra.

Mas que linguagem é esta que estou me referindo: minha própria linguagem? Minha linguagem?

Minha linguagem vem como resposta de minha “idéias” e do meu “método” também. Sei que meu traço é masculino, isto é uma das grandes observações que um dia uma arquiteta amiga minha, Rennée Carolina Plitt Quintin, me falou, e que foi um grande salto na descoberta do meu “fazer arquitetura”.

Meus projetos são funcionalistas, meus trabalhos são puros e retos. Jogo com a volumetria e com a textura dos materiais de acordo com minhas pesquisas. Nada para mim é fechado. Sou mais adepto do modernismo, mas me utilizo do passado para intervir em minhas obras.

Estas características são encontradas desde uma simples peça de mobiliário, até em edifícios que já projetei. Gosto do lúdico, da brincadeira, sem perder a razão também.

Me expresso de maneira simples, com minha própria sofisticação. Meu vocabulário é amplo.

Tento colocar o “lado” mais limpo para trabalhar a pureza e a nobreza. Assimetria as vezes, buscando a simetria.

Me encontro observando trabalhos de grandes arquitetos e me inspirando neles, colocando detalhes que eles usaram em seus móveis, por exemplo em meus projetos de arquitetura residencial, ou vice-e-versa.

Só sei que são maratonas de pesquisas para encaixar o quebra-cabeça.

Minha linguagem arquitetônica também é transportada para o meu jeito de ser e encarar a vida. Quem me olha, vê minha arquitetura, vê meu “fazer arquitetura”. Sou exatamente igual as minhas obras, sincero e pragmático. Como bom ariano com ascendente em escorpião. Sou convincente e volumoso. Tenho respostas para as minhas intervenções.

3. Bibliografia

AFONSO, Sonia - "Idéia, método e linguagem: considerações a respeito da própria experiência sobre o tema" in Síntese. Revista de Arquitetura. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, março 1990. pp. 12-21.

ARGAN, Giulio Carlo
Arte Moderna / Giulio Carlo Argan: tradução Denise Bottmann e Frederico Carotti – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GASPERINI, Gian Carlo – Contexto e Tecnologia: o projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura. São Paulo – 1988.

GROPIUS, Walter – Walter Gropius Bauhaus : Nova Arquitetura / Walter Gropius; (tradução J. Guinsburg e Ingrid Dormien) – São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FRAMPTON, Kenneth

História crítica da arquitetura moderna / Kenneth Frampton; (tradução Jefferson Luiz Camargo) – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JONES, Cristopher

Design Methods

MONTANER, Josep Maria

Arquitectura y crítica. Barcelona : Editorial Gustavo Gili S. A. 1999.

RIO, Vicente Del (org) – Arquitetura: Pesquisa e Projeto – Projeto de Arquitetura: entre a criatividade e método. São Paulo / Rio de Janeiro. Proeditores / FAUURFJ. Coleção PROARQ. 1998.